

Quo vadis, Brics?

Colaboração biofarmacêutica, diplomacia vacinal dos BRICS e (des)motivações para o cumprimento dos compromissos acordados sobre vacinas Covid-19

Claudia Hoirisch

Quase dois anos após o início da pandemia de Covid-19, em setembro de 2021, a taxa de vacinação entre países ricos era de pouco mais de 60% em comparação a 3,0% em nações de baixa renda (UNDP, 2021). Isso se deve ao fato de os países ricos estarem acumulando doses de vacinas, restringindo as exportações e não compartilhando o *know-how* que é fundamental para a expansão da produção, acarretando o aumento da pandemia no Sul Global.

Nos países Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), a pandemia bateu forte (Worldometers, 2021). Até setembro de 2021, o total de mortes por Covid-19 nos cinco países era de 1,33 milhão. Apesar disso e em contraste com os países desenvolvidos, três países do Brics, China, Rússia e Índia, vêm ofertando suas vacinas a países mais pobres, onde eles vêm se proclamando como provedores desse escasso bem público global.

A sobrecarga de contaminações e a insuficiência de imunizantes podem dar um ímpeto para uma cooperação mais vigorosa entre os países Brics, assim como entre os Brics e outros países. Em suas declarações, o grupo tem discutido a diplomacia de vacinas e empreendido esforços para fortalecer os laços por meio da cooperação conjunta em pesquisa, desenvolvimento e inovação de vacinas. O estabelecimento e a operacionalização de um Centro de Pesquisa e Desenvolvimento de Vacinas do Brics (CPDV-Brics) foram debatidos na reunião dos ministros da Saúde (MS) de 2021 (Brics, 2021a).

Apesar de esses três países estarem ofertando suas vacinas, alguns especialistas vêm lançando dúvidas sobre a adequação dos Brics para responder a desafios críticos globais. A pandemia de Covid-19 é uma boa oportunidade de testar a força coletiva do grupamento (Brics Policy Center, 2021).

Este capítulo pretende analisar a cooperação biofarmacêutica no interior dos países Brics, a diplomacia vacinal de três países do grupo – Rússia, China e Índia – e as (des)motivações para o compartilhamento de doses de vacinas.

COMPROMISSOS DIPLOMÁTICOS EM SAÚDE: 13ª CÚPULA DOS BRICS, O ENCONTRO DOS MINISTÉRIOS DAS RELAÇÕES EXTERIORES E DOS MINISTÉRIOS DA SAÚDE DOS BRICS

Acredita o grupo de países (Índia, 2021a; Brics, 2021) que as colaborações de P&D no campo da bioterapêutica para prevenção da Covid-19 é fundamental para erradicar essa pandemia, entendendo a necessidade de parceria em *cluster* em nível industrial e político em todos os Brics para aliviar os déficits relativos à situação pandêmica. Defende o estabelecimento e a operacionalização do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento de Vacinas do Brics em formato virtual.

O grupo lembrou que nesses quase dois anos a pandemia de Covid-19 vem causando danos à saúde pública e nos campos social e econômico. Reconheceu que em um mundo interconectado e globalizado, ninguém está seguro até que todos estejam seguros.

Convictos de que a produção de vacinas contra a Covid-19 oferece a maior esperança de se vencer a pandemia e que a imunização extensiva contra a Covid-19 é um bem público global para a saúde,¹ os Brics lamentaram a flagrante desigualdade no acesso a vacinas especialmente para as populações mais pobres e vulneráveis. Reconheceram a importância de vacinas seguras, eficazes, acessíveis e econômicas. A esse respeito, observaram as discussões em andamento na Organização Mundial do Comércio (OMC) sobre a suspensão temporária dos direitos de propriedade intelectual (DPIs) da vacina contra a Covid-19 e o uso das flexibilidades do Acordo Trips e da Declaração de Doha sobre o Acordo Trips e Saúde Pública. Comprometeram-se em apoiar os países no combate à pandemia por meio de financiamento, facilitação da exportação de vacinas, doação, transferência de tecnologia, desenvolvimento de capacidades e produção local, cadeia de suprimentos; e recordaram a contribuição feita por países do Brics no fornecimento de doses de vacinas contra a Covid-19, incluindo subsídios e doações bilaterais, para organizações internacionais e para o Mecanismo de Acesso Global de Vacinas de Covid-19 (Covax).

¹ Bem público global significa imunização ampla e a garantia de que os países em desenvolvimento e menos desenvolvidos possam pagar por elas.

Com o total de mortes por Covid-19 nos países do grupo ultrapassando 1 milhão, cabe perguntar: como anda a cooperação entre os países do Brics na área de vacinas e dos países RIC (Rússia, Índia e China) com países parceiros e organismos internacionais após quase dois anos de pandemia? Para onde vai o grupo?

COLABORAÇÃO ENTRE OS PAÍSES BRICS: FACILITAÇÃO DE EXPORTAÇÕES, FORNECIMENTO DE INSUMOS, DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E TRANSFERÊNCIA DE TECNOLOGIA

Na 12ª Cúpula do Brics, em novembro de 2020, Vladimir Putin saudou a eficácia da vacina russa e propôs seu compartilhamento no grupo. O Fundo Russo de Investimento Direto (RDIF) assinou acordos com biofarmacêuticas chinesas para a fabricação do Sputnik V, o que facilitará seu abastecimento (Statista, 2021). A Índia encomendou 250 milhões de doses da Sputnik V, e o Instituto Soroterápico da Índia (SII) se comprometeu a produzir 300 milhões de doses/ano para atender a necessidades domésticas e depois exportará para países terceiros (Martuscelli, 2021).

No que diz respeito às vacinas chinesas, o governo de São Paulo coordenou os ensaios clínicos da Coronavac (Sinovac), e o seu uso foi autorizado no Brasil após resultados positivos. O insumo farmacêutico ativo (IFA) vinha sendo exportado pela China, até o presidente do Brasil fazer novos ataques a esse país. A empresa produtora cobrou uma mudança de posicionamento do governo para continuar garantindo o envio de insumos ao Instituto Butantan para a produção da vacina. Pontuou que “a questão não era meramente comercial, mas também diplomática” (Sinovac..., 2021). A China também tem fornecido insumos para o Brasil produzir a vacina da AstraZeneca e vem provendo a Coronavac para a África do Sul (Blume, 2021; Zimmer, Corum & Wee, 2021).

Por fim, por meio do Instituto Soroterápico da Índia (SII), este país forneceu doses prontas de vacina AstraZeneca para o Brasil.

PANORAMA DOS PAÍSES BRICS, ISOLADAMENTE, NO COMBATE À PANDEMIA

Dentre os 15 países que figuram com mais óbitos, apenas três desenvolveram vacinas eficazes até agora: EUA, Reino Unido e Rússia. Isso significa que existe uma enorme demanda por vacinas em todo o mundo para proteger suas populações vulneráveis. Estados pobres e de renda média, desesperados por vacinas e aparentemente excluídos do acesso a imunizantes ocidentais, foram rápidos em se inscrever para receber vacinas russas, chinesas e indianas, muitas vezes acelerando processos de aprovação regulatória. Nesse sentido, como Rússia, China e Índia vêm se movimentando para combater a pandemia?

Rússia: gargalos na produção

Os primeiros sinais pareciam promissores para a Rússia, país que lançou (prematuramente, por conveniência política) a primeira vacina de Covid-19, em agosto de 2020, antes de resultados de testes Fase 1 e 2 serem publicados e antes mesmo de testes de Fase 3 terem começado. Poucos meses depois, por sua alta eficácia, acabou recebendo endosso em *The Lancet* (Jones & Roy, 2021).

A Sputnik V é a imagem da Rússia que o Kremlin queria projetar, colocando-a no papel de superpotência científica e salvadora da pandemia. O RDIF declarou planos de fornecer vacinas para 800 milhões de pessoas até 2021 (a Sputnik requer duas doses), por meio de produção doméstica e licenciada nos principais países parceiros (Russia..., 2021). As ordens foram recebidas de países da AL, África, Oriente Médio, Ásia e até mesmo alguns da Eurásia. Mas uma série de percalços impossibilita que o país cumpra a sua meta em 2021: o fato de a Rússia prometer entregas excessivamente ambiciosas comparadas a sua capacidade de produção; a dificuldade de produção do segundo componente (Ad5) devido ao seu baixo rendimento; o fato de a criação de instalações de produção no exterior ter levado mais tempo do que o esperado e a sugestão de que a Rússia superestimou (Rudnitsky, 2021; Ivanova & Nikolskaya, 2021) as capacidades tecnológicas de alguns países parceiros para fabricar a vacina Sputnik V. Todos esses fatores fizeram com que os requerentes buscassem alternativas para preencher a lacuna deixada pela vacina russa. Apesar do endosso do *Lancet*, persistem dúvidas sobre a eficácia da Sputnik V, tanto que a Organização Mundial da Saúde e a Agência Europeia de Medicamentos (EMA) ainda não concederam aprovação regulatória à Sputnik V, citando a falta de apoio a dados de pesquisa e testes. Outros obstáculos incluem o custo relativamente alto da Sputnik V (20 dólares, duas doses), especialmente para países do sudeste Asiático, se comparado à AstraZeneca (6 dólares), à Pfizer (13 dólares) e à Johnson & Johnson (10 dólares).

Devido aos atrasos que vêm dificultando a produção da Sputnik em outros países, muitas das doses administradas no exterior tiveram que vir diretamente da Rússia, o que limita o quantitativo que pode ser fabricado globalmente. Isso mostra que a Rússia tem enviado muito menos vacinas que a China ou os EUA, e embora contasse com uma vantagem inicial no jogo da diplomacia da vacina, desperdiçou uma oportunidade de melhorar suas credenciais e agora está muito atrás daqueles países. Lançou a Sputnik Light com componente 1 da Sputnik (mais fácil de produzir), mas mesmo assim, recuperar o atraso será quase impossível.

China: “o amigo em quem se pode confiar”

Desde que se tornou líder da China, o presidente Xi Jinping adotou uma dupla abordagem diplomática contrastante para aumentar a posição do país nos círculos internacionais: a do *lobo guerreiro* projetada para rivais percebidos e a do poder

brando, de investimento e comércio para ganhar influência e promover laços com outros países, como é o caso da Iniciativa Cinturão e Rota (ICR). Em 2021, a pandemia de Covid-19 e sua oportunidade resultante para a diplomacia da vacina deram a Xi um caminho para aumentar a influência chinesa no cenário internacional.

Em março de 2020, Xi vinculou o envio de suprimentos médicos para países da Estrada da Seda da Saúde, um importante componente da ICR, onde a China já vinha investindo pesado na construção de infraestrutura. Muitos países incapazes de produzir vacinas contra a Covid-19 na África, no Sudeste Asiático e na América Latina são parceiros da ICR, e com a ampla distribuição das vacinas Covid-19 chinesas, esse país se tornou um país com o qual outras nações em desenvolvimento puderam contar em tempos de crise, posição semelhante à que os EUA vêm desempenhando desde meados do século XX.

A China vê a diplomacia de vacinas como forma de reparar os danos causados à sua reputação internacional devido à falta de transparência e ineficiência na gestão do surto inicial do vírus em Wuhan, assim como de reforçar e alavancar programas de *soft power* existentes e capitalizar novas oportunidades econômicas e geopolíticas. Em agosto de 2021, tinha 22 candidatas à vacina em estágios clínicos, nove na fase 3.

À medida que as nações ricas compravam grande parte do fornecimento das vacinas de ponta do Ocidente (mRNA), a China concentrava seus esforços no provimento de vacinas de vírus inativado – tecnologia mais consolidada – para países de renda média e baixa. De acordo com o Ministério das Relações Exteriores chinês, até fins de setembro a China havia estabelecido cooperação por meio de centenas de milhões de doses.

Índia: golpeada pela segunda onda

Os suprimentos de vacinas feitos na Índia correspondem a 60% do total global (Elis-Petersen, 2020). Em consonância com seu papel histórico como provedor de vacinas acessíveis, o país tomou duas iniciativas significativas para superar o flagelo da pandemia de Covid-19: tentar tornar as vacinas amplamente disponíveis e apresentar uma proposta conjunta com a África do Sul na OMC que busca a renúncia temporária da implementação dos DPis. Ambas as iniciativas sublinham uma mensagem-chave para a comunidade global: em tempos pandêmicos, as tecnologias médicas devem ser tratadas como bens públicos globais.

No início de 2021, o governo indiano anunciou a sua política Vizinhança em Primeiro Lugar inserida na estratégia diplomática *Vaccine Friendship*, que tem como objetivo fornecer imunizantes para um número considerável de países de baixa renda e em desenvolvimento e contribuir com a Covax. A diplomacia vacinal do primeiro-ministro Narendra Modi vem sendo utilizada para contestar a influência regional e global da China.

Além disso, com vistas a combater a influência chinesa na região do Indo-Pacífico, a Índia participou da Cúpula de Alto Nível do agrupamento Quad, junto com os EUA, a Austrália e o Japão, na qual todos acordaram em desenvolver, financiar, distribuir e fabricar vacinas conjuntamente. Por esse acordo, os EUA e o Japão financiariam a produção da vacina na Índia, enquanto a Austrália ajudaria a distribuir as doses pelo Sudeste Asiático.

A Índia forneceu dezenas de milhões de doses para outros países, mas teve que paralisar as exportações devido ao aumento de casos no país. Até o levantamento do embargo, os vizinhos da Índia foram obrigados a buscar fontes alternativas para suas necessidades vacinais. Vendo uma oportunidade de exercer seu poder suave enquanto ajudavam a mitigar uma crise humanitária, China e Rússia começaram a preencher as lacunas.

DISCUSSÃO: COLABORAÇÃO INTRA-BRICS E DE RÚSSIA, ÍNDIA E CHINA COM PAÍSES TERCEIROS

Colaboração intra-Brics

Na reunião de MS do quinteto, os representantes preconizaram a parceria em *cluster* para aliviar a situação da pandemia. A colaboração setorial Rússia-Índia, Rússia-China e China-Brasil no desenvolvimento tecnológico (DT) de imunizantes, o fornecimento de IFA da China para o Brasil e os acordos de transferência de tecnologia travados entre Rússia-China, Rússia-Índia, China-Brasil para produção local e exportação tiveram o propósito de acelerar a produção propiciando acesso mais rápido às doses para os países do Brics e aqueles em desenvolvimento.

Todavia, um dos acordos travou e outro nem chegou a ser estabelecido. No Brasil, suspeitas de acumplicamento entre agentes privados e públicos na aquisição da Covaxin indiana, elevando o preço da dose de 1,34 dólar para 15 dólares, brecharam as negociações entre os países, e o conflito Índia-China por influência regional pode ter impedido que a Índia buscasse ajuda na China, apesar de esta ter oferecido compartilhar conhecimento.

Como na epidemia global do HIV/Aids e ao longo de todos os anos pós-implementação do Acordo Trips, a Índia vem desempenhando papel crítico no fornecimento de insumos e medicamentos. Esse papel foi revalidado na pandemia da Covid-19, em função da sua capacidade tecnológica e de produção acumulada. Os produtores da Índia e da África do Sul firmaram acordos de tecnologia com seus parceiros ocidentais e são obrigados a cumprir com os DPIs relacionados à Covid-19. Na tentativa de contornar essa obrigação e antes mesmo de concluir esses acordos, os governos dos dois países lideraram um esforço na Organização Mundial do Comércio, em outubro de 2020, de renúncia aos DPIs para tecnologias e vacinas Covid-19 na tentativa de aumentar o acesso às vacinas. Os chanceleres dos Brics

apoiaram as discussões em junho de 2021, oito meses após sua proposição, mas na ocasião não manifestaram consenso em relação à medida proposta. Apesar de o governo Biden ter apoiado uma isenção à PI das vacinas de Covid-19, a ação não teve desdobramentos, porque o governo americano não convenceu suas empresas a se associarem às do Sul Global. A Alemanha, que financiou o desenvolvimento da vacina de mRNA da BioNTech, posteriormente licenciada para a Pfizer, continua se opondo às isenções de patentes. Em paralelo, a Índia e a África do Sul mantêm sua posição na OMC.

Colaboração de Rússia, Índia e China com países terceiros

Dados de 29 de maio de 2021 indicavam que a Índia havia fornecido cerca de 66,4 milhões de doses de vacinas Covid-19 para 95 países: 53,9% de doses foram comercializadas, 16,1% doadas (10,71 milhões de doses) e 30% foram remetidas para o mecanismo Covax. A Índia estava cumprindo o seu papel, até que o ressurgimento desastroso da pandemia fez com que o governo paralisasse as exportações de vacinas e adiasse a implementação do acordo do Quad. Os “países da Vizinhança em Primeiro Lugar” foram os maiores beneficiários e os primeiros da fila a receber as remessas. O maior favorecido da região foi Bangladesh, com uma doação de 3,3 milhões de doses; depois adquiriu 7 milhões de doses. As vacinas indianas foram distribuídas para países da África, da América Latina, do Caribe, do Oriente Médio e Ilhas do Pacífico (Índia, 2021b). O único país que não utiliza a vacina indiana no sul da Ásia é o Paquistão, rival da Índia desde a partição dos dois Estados (Índia e..., 2021).

A segunda onda da pandemia mortal na Índia permitiu que a China superasse o maior produtor mundial de vacinas e entregasse mais vacinas de Covid-19 em todo o mundo. Desde o início da pandemia, a China se comprometeu em tornar suas vacinas Covid-19 um “bem público global” (BPG) (Wheaton, 2020). De fato, no final de setembro de 2021, a China havia vendido 1,2 bilhão de doses e entregado 825,4 milhões para quatro regiões geográficas: Ásia-Pacífico (58,3%), América Latina (28,6%), Europa (5,7%) e África (7,4%), totalizando 110 países, demonstrando que estava cumprindo sua promessa (Goodneough, 2021a). Além disso, tem ajudado seus parceiros a construir capacidades domésticas de produção, transferindo tecnologia para países na Ásia, na América Latina, na África, no Oriente Médio e na Europa, e vem fornecendo bioinsumos para países terceiros elaborarem imunizantes (Bridge, 2021; Jibiki & Onishi, 2021).

Até o momento, as vendas de vacinas pela China são 18 vezes maiores que suas doações. Dos 63,65 milhões de doses doadas, 75% foram direcionadas para países da Ásia-Pacífico e 19,4% para países da África; uma parcela pequena foi despachada para AL e Europa. Dois dias após o presidente Biden anunciar que os EUA doaram e entregaram 114 milhões de doses de vacina para a Covid-19 para oitenta países, “sem exigências, condições ou coerções” (Goodneough, 2021b) – o que faz os EUA

o maior doador de vacinas global –, o presidente Xi prometeu *fornecer* 2 bilhões de doses de vacina para o mundo até 2021. Só que a promessa da China embutiu nesse montante os 825 milhões de doses comercializadas e entregues. O montante doado pelos EUA equivale ao dobro do que foi doado pela China, posicionando-a logo atrás dos EUA em quantidade de doses. Dados de agosto mostram que das doses que a China enviou ao redor do mundo, apenas 3,4% foram doações; além do mais, algumas dessas doações tiveram poder adoçante para induzir acordos comerciais subsequentes (Lee, Y. N., 2021).

As vacinas chinesas – vendidas e doadas – vieram com condições declaradas ou implícitas atreladas para a entrega. Alguns países receberam doações depois de reafirmar (ou mudar para) posições favoráveis a Pequim em questões controversas (Solonyina & Standish, 2021).

A Rússia, por sua vez, prometeu vacinar 800 milhões de pessoas em 2021 com uma vacina de duas doses, mas tem lutado para enviar grandes quantidades da Sputnik V. Licenciou amplamente seu imunizante para 34 empresas farmacêuticas fora de suas fronteiras, mas os fabricantes perceberam que a segunda dose apresenta baixo rendimento, impossibilitando a produção de grandes quantidades. Em agosto, os 65 países que haviam encomendado mais de 900 milhões de doses receberam apenas 30 milhões (1,87% da meta que a Rússia estabelecera para a sua vacina). Esta pode ser uma das razões pelas quais Moscou doou apenas 345 mil doses para 13 países (Deutsch & Furlong, 2021).

Em contraposição à Rússia, que afirmou preferir trabalhar diretamente com os países e não por meio da Covax/OMS, a China manifestou boa vontade de fornecer doses para a iniciativa multilateral de distribuição de vacinas para países de baixa e média rendas (Ravello, 2021). Inicialmente se comprometeu a doar 10 milhões de doses para a iniciativa, mas a maioria das vacinas doadas e exportadas pela China até agora passou por canais bilaterais. Espera-se que a Covax receba 200 milhões de doses da China até 2021. A Gavi (The Vaccine Alliance) anunciou que assinou um Acordo de Compra Antecipada com a chinesa Clover Biopharma, que se prontificou a disponibilizar até 414 milhões de doses à Covax (McNeice, 2021; Bridge, 2021). Por fim, a China prometeu doar 100 milhões de dólares para o esforço global de distribuir as doses aos países em desenvolvimento, à medida que Pequim tenta assumir um papel de liderança mais proeminente na contenção da pandemia (Chi-na..., 2021; Lee, S.-W., 2021).

Para Rússia e China, a pandemia proporcionou uma oportunidade de mostrar suas proezas científicas e construir influência geopolítica nos países em desenvolvimento. A competição entre os dois vem se concentrando principalmente nos países dos Bálcãs e Ásia Central, apesar de a Rússia ter mostrado possuir limitada capacidade de produção. Já entre a China e a Índia, a verdadeira competição permanece na *Vizinhança mais próxima*; só que a Índia foi assolada por uma explosão do número

de casos e, em consequência, forçada a restringir suas exportações, mas já está aquecendo suas turbinas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos tropeços na produção e na distribuição de doses, a Rússia certamente continuará sua diplomacia de vacinas, que provou ser uma ferramenta bem-sucedida em todo o mundo. O poder suave de Moscou será menos eficaz entre os concorrentes geopolíticos e onde é visto como uma ameaça. Continuará a equilibrar o poder duro com o brando, apresentando-se seletivamente como uma potência militar ou um colaborador da saúde global.

Na Índia, a previsão é de que a diplomacia das vacinas seja retomada em outubro, com o aumento da cobertura vacinal doméstica. Segundo o diretor-geral da OMS, a retomada das exportações da Índia para a Covax ajudará a Organização a atingir sua meta de vacinação de 40% da população global até o final do ano. No que diz respeito à China, embora o país figurasse com uma baixa participação na produção de vacinas antes da pandemia, é hoje o maior exportador de vacinas Covid-19 para os países em desenvolvimento. Até setembro, havia estabelecido parcerias em vacinas na África, na Ásia, na Europa e na América Latina, já pensando em *hubs* para distribuição regional.

Embora a renúncia dos direitos de propriedade intelectual na OMC dê aos países a permissão de produzir, deverá vir acompanhada da transferência de tecnologia para que seja eficaz.

A pesquisa e o desenvolvimento tecnológico (PDT) e a produção compartilhada de uma *vacina diplomática única* representariam um *modelo de diplomacia pandêmica* e propiciariam acesso mais rápido e equitativo à vacina para o Sul Global. Porém, o conflito Índia-China, a relação desgastada entre Brasil-China e interesses geopolíticos e econômicos distintos podem ter impedido que o grupo lançasse um imunizante com o timbre do Brics. Não obstante, seus membros cumpriram diversos compromissos acordados nas declarações por meio de cooperação comercial, desenvolvimento tecnológico e transferência de tecnologia, envio de insumos e facilitação de exportações no interior do grupo. Abriram uma chamada para P&D de vacinas para três ou mais países do Brics enfrentarem a pandemia. Na cooperação extra-Brics, os países enviaram insumos, exportaram, doaram, transferiram tecnologia, e China e Índia enviaram lotes de imunizantes de forma bilateral para a Covax/OMS.

Além das preocupações com a saúde, atrasos na vacinação da população global podem custar à economia mundial 2,3 trilhões de dólares entre 2022 e 2025, sendo que as economias emergentes deverão arcar com 2/3 desses custos (Lee, Y. N., 2021). A maior parte da cooperação em vacinas da China, da Rússia e da Índia ocorreu por

canais bilaterais. Até setembro de 2021, esses três países haviam distribuído 1 bilhão de doses de vacinas para os países em desenvolvimento, acelerando o processo de imunização e ajudando a evitar perdas humanas e econômicas.

As esperanças agora se voltam para a implementação e a operacionalização do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento de Vacinas do Brics (CPDV/Brics). O CPDV pode catalisar a P&D das vacinas entre os países do grupo, reforçar a cooperação em P&D, estimular a construção de fábricas, o licenciamento da produção para os países do Brics e outros países, o reconhecimento mútuo das normas entre os cinco países. Em maio, a China deu o primeiro passo quando a Sinovac Biotech R&D Co. encabeçou a iniciativa de fornecer suas instalações existentes de P&D, que passará a se denominar China Center. O Brasil, por sua vez, pode disponibilizar Bio-Manguinhos/Fiocruz e o Instituto Butantan, duas instituições com competência reconhecida para compor o Centro de P&D de Vacinas do Brics.

REFERÊNCIAS

BLUME, D. Sahpra approves Chinese Covid-19 vaccine - but with conditions. *AlgoaFM*, Port Elizabeth, 3 jul. 2021. Disponível em: <www.algoafm.co.za/domestic/sahpra-approves-chinese-covid-19-vaccine-but-with-conditions>. Acesso em: 28 set. 2021.

BRICS POLICY CENTER. A geopolítica da vacina e a pandemia na África. Participação de Vishwas Satgar, 6 jul. 2021. Disponível em: <www.facebook.com/bricspolicycenter/videos/490181178943036>.

BRICS. XI Brics Health Ministers' Meeting Declaration India. Theme: Brics requital to Covid-19: towards digitalised holistic framework for pandemic preparedness, July 2021. Disponível em: <<https://brics2021.gov.in/brics/public/uploads/docpdf/getdocu-29.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2021.

BRIDGE. Tracking China's Covid-19 vaccine distribution. Disponível em: <<https://bridgebeijing.com/our-publications/our-publications-1/china-covid-19-vaccines-tracker/>>. Acesso em: 28 set. 2021.

CHINA doará 100 milhões de doses a países em desenvolvimento ainda em 2021. *Veja*, São Paulo, 10 set. 2021. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/china-doara-100-milhoes-de-doses-a-paises-em-desenvolvimento-ainda-em-2021>>. Acesso em: 28 set. 2021.

DEUTSCH, J. & FURLONG, A. EU falls behind China, US on vaccine donations: document. *Político*, Brussels, 2 Aug. 2021. Disponível em: <www.politico.eu/article/europe-coronavirus-vaccine-donations-china-united-states/>. Acesso em: 28 set. 2021.

ELIS-PETERSEN, H. India at heart of global efforts to produce Covid vaccine. *The Guardian*, London, 20 Oct. 2020. Disponível em: <www.theguardian.com/world/2020/oct/20/india-at-heart-of-global-efforts-to-produce-covid-vaccine>. Acesso em: 28 set. 2021.

GOODENOUGH, P. US has donated the most free vaccines by far; China has sold more than it's donated. *CNS News*, Reston, 4 Aug. 2021a. Disponível em: <<https://cnsnews.com/article/international/patrick-goodenough/us-has-donated-most-free-vaccines-far-china-has-sold-more>>. Acesso em: 28 set. 2021.

GOODENOUGH, P. After Biden's global vaccine sharing statement, China announces a bigger number – but they aren't donations. *CNS News*, 6 ago. 2021b. Disponível em: <<https://cnsnews.com/index.php/article/international/patrick-goodenough/after-bidens-global-vaccine-sharing-statement-china>>. Acesso em: 28 set. 2021.

ÍNDIA E Paquistão: a história de tensão entre duas potências nucleares. *Portal UOL*, São Paulo, 28 fev. 2019. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2019/02/28/historico-da-relacao-entre-india-e-paquistao.htm>>. Acesso em: 28 set. 2021.

ÍNDIA. Government of Índia. XIII Brics Summit: New Delhi Declaration, 9 Sept. 2021a. Disponível: <www.mea.gov.in/bilateral-documents.htm?dtl/34236/XIII_BRICS_Summit_New_Delhi_Declaration>. Acesso em: 9 set. 2021.

ÍNDIA. Government of India. Ministry of External Affairs. Fornecimento de vacinas. Disponível em: <<https://mea.gov.in/vaccine-supply.htm>>. Acesso em: 28 set. 2021b.

IVANOVA, P. & NIKOLSKAYA, P. Big promises, few doses: why Russia's struggling to make Sputnik V doses. *Reuters*, 14 May 2021. Disponível em: <www.reuters.com/business/healthcare-pharmaceuticals/big-promises-few-doses-why-russias-struggling-make-sputnik-v-doses-2021-05-14/>. Acesso em: 28 set. 2021.

JIBIKI, K. & ONISHI, T. China and U.S. share tech in Asean for vaccine diplomacy edge. *Nikkei Asia*, 26 Sept. 2021. Disponível em: <<https://asia.nikkei.com/Spotlight/Coronavirus/COVID-vaccines/China-and-U.S.-share-tech-in-ASEAN-for-vaccine-diplomacy-edge>>. Acesso em: 28 set. 2021.

JONES, I. & ROY, P. Sputnik V Covid-19 vaccine candidate appears safe and effective. *The Lancet*, 397(10.275): 642-643, 2021. Disponível em: <[www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(21\)00191-4/fulltext](http://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(21)00191-4/fulltext)>. Acesso em: 28 set. 2021.

LEE, S.-W. China says that will provide 2 billion vaccines doses to the world. *The New York Times*, New York, 7 Aug. 2021. Disponível em: <www.nytimes.com/2021/08/06/world/china-vaccine-donations-2-billion.html>. Acesso em: 28 set. 2021.

LEE, Y. N. Data shows the U.S. is the world's largest Covid vaccine donor – way ahead of China. *CNBC*, New Jersey, 9 Sept. 2021. Disponível em: <www.cnb.com/2021/09/09/covid-us-is-the-worlds-largest-donor-of-vaccines-data-shows.html>. Acesso em: 28 set. 2021.

MARTUSCELLI, A. India's Serum Institute to make Russia's Sputnik V vaccine. *Politico*, Brussels, 13 July 2021. Disponível em: <www.politico.eu/article/indias-serum-institute-to-make-russias-sputnik-v-vaccine>. Acesso em: 28 set. 2021.

MCNEICE, A. Covax begins offering Sinovac jabs from Aug. *China Daily Global*, London, 29 July 2021. Disponível em: <<http://global.chinadaily.com.cn/a/202107/29/WS610200f6a310efa1bd66526a.html>>. Acesso em: 28 set. 2021.

RAVELLO, J. L. Covax will be a *small part* of Russia's Sputnik V portfolio, fund CEO says. *Devex*, 22 Jan. 2021. Disponível em: <www.devex.com/news/covax-will-be-a-small-part-of-russia-s-sputnik-v-portfolio-fund-ceo-says-98964>. Acesso em: 28 set. 2021.

RUDNITSKY, J. Russia's global vaccine ambitions stumble on supply shortage. *Bloomberg*, 30 July 2021. Disponível em: <www.bloomberg.com/news/articles/2021-07-30/russia-s-global-vaccine-ambitions-stumble-amid-supply-shortage>. Acesso em: 28 set. 2021.

RUSSIA will keep vaccine promises, says RDIF. *Bloomberg*, 4 June 2021. Disponível em: <www.bloomberg.com/news/videos/2021-06-04/russia-will-keep-vaccine-promises-says-rdif-video>. Acesso em: 28 set. 2021.

SINOVAC cobrou mudança de posicionamento sobre China para garantir IFA. *Exame*, Rio de Janeiro, 9 jun. 2021. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/sinovac-cobrou-mudanca-de-posicionamento-sobre-china-para-garantir-ifa/>>. Acesso em: 28 set. 2021.

SOLONYNA, Y. & STANDISH, R. China used vaccines, trade to get Ukraine to drop support for Xinjiang scrutiny. *Radio Free Europe*, Kyiv, 28 July 2021. Disponível em: <www.rferl.org/a/china-vaccines-ukraine-xinjiang/31382099.html>. Acesso em: 9 set. 2021.

STATISTA. Sputnik V vaccine exports from Russia by country. Disponível em: <www.statista.com/statistics/1123927/sputnik-v-exports-from-russia-by-country>. Acesso em: 28 set. 2021.

UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME (UNDP). Global Dashboard for Vaccine Equity. Disponível em: <<https://data.undp.org/vaccine-equity/>>. Acesso em: 28 set. 2021.

WHEATON, S. Vacina chinesa seria 'bem público global', diz Xi. *Politico*, Brussels, 18 May 2020. Disponível em: <www.politico.eu/article/chinese-vaccine-would-be-global-public-good-xi-says/>. Acesso em: 28 set. 2021.

WORLDOMETERS. Coronavirus cases. Disponível em: <www.worldometers.info/coronavirus/#countries>. Acesso em: 28 set. 2021.

ZIMMER, C.; CORUM, J. & WEE, S. L. Coronavirus vaccine tracker. *The New York Times*, New York, 2021. Disponível em: <www.nytimes.com/interactive/2020/science/coronavirus-vaccine-tracker.l?pageType=LegacyCollection&collectionName=Maps+and+Trackers&label=Maps+and+Trackers&module=hub_Band®ion=inline&template=storyline_band_recirc#sinovac>. Acesso em: 28 set. 2021.